

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: TRANSFERÊNCIA E ENTRADA EM ANÁLISE

Pauleska Asevedo Nobrega

Assim como na Psicanálise com adultos, as entrevistas preliminares na psicanálise com crianças, sustentam um tempo lógico, o tempo do inconsciente de fazer emergir a transferência, enquanto condição para o trabalho analítico. Em psicanálise, o sujeito de que se trata é o sujeito do inconsciente, dividido e sintomático, resultante da sua inserção na ordem simbólica da linguagem. A criança, bem como o adulto e, portanto, sujeito do inconsciente, na medida em que habita a linguagem, faz sintoma, o que é representado pelo deslizamento de um significante para outro significante.

Sarmento (2002) reconhece que não existe psicanálise de criança, mas a psicanálise, vez que sempre se trata do infantil, inerente ao sujeito do inconsciente que, inevitavelmente, passa pelo Outro. Mas, afinal, o que vai definir, ou melhor, particularizar uma psicanálise com crianças? Um dos primeiros pontos a considerar é que o sintoma de uma criança que chega para análise vai dizer sobre a verdade do casal parental. Outro ponto que marca uma diferença é ponderar que, paradoxalmente, são os efeitos dessa verdade sintomática que se mostra no real para os pais que vão causar uma demanda de análise que, ao menos inicialmente, não se coloca do lado da criança, mas do lado dos pais, o que, fundamentalmente, a especifica com relação à análise com adultos. Tais fatores, inevitavelmente, exigem do analista um trabalho com os pais, tanto de implicação com o que há de insuportável e revelador de seu filho que diz respeito a eles, como a própria vitalidade do tratamento, quando falamos de transferência.

Através do dispositivo analítico, engendra-se na direção de fazer desarticular o sintoma da criança do sintoma dos pais. E como isso é possível? A transferência pode

ser vista como uma saída viável. A transferência, em psicanálise com crianças, aparece como algo dos pais, que supondo um certo saber no analista, torna o tratamento da criança possível, sem, no entanto, mostrar-se consistente subjetivamente, uma vez o significante da transferência inexistente de forma direta. Fernández (1992) lembra que a transferência dos pais, como vai denominar, tem um caráter imaginário, diferentemente daquela que se obtém em análise, vez que ao final da análise com a criança, ainda assim, mantém-se um saber suposto, representando um vínculo intersubjetivo, sem o qual a criança não seria analisável.

Talvez possamos falar, em relação aos pais, numa transferência afetiva, mas considerando sempre que afeto, em Lacan, não tem nada a ver com sentimento e sim com um corpo que é afetado pelo significante. Este significante poderia ser, num primeiro momento, "psicanálise", depois o nome do analista, em relação ao qual haverá uma certa suposição de saber, sem, no entanto, haver a instituição do sujeito suposto saber. No caso dos pais, no que diz respeito à transferência, faltaria sobretudo o próprio significante da transferência, uma vez que não haveria o sujeito sintomático, aquele que é representado por seu sintoma enquanto significante e que, como tal, dirige-se ao analista para ser escutado (FERNÁNDEZ, 1992, p. 20, grifo nosso).

Dessa forma, a transferência por parte dos pais confere às entrevistas preliminares com crianças um caráter peculiar. Introduzir os pais na experiência analítica implica na possibilidade do surgimento de uma transferência afetiva ou não com a psicanálise, que servirá de trampolim para um “particular analista qualquer – aquele que tem um nome que o marca e que poderá vir a ser o analista de seu filho” (FERNÁNDEZ, 1992, p.20).

Nesse caso, a presença da família não é somente estrutural – não apenas diz respeito à transgeracionalidade e os lugares que se ocupam nas gerações – mas também concreta (MACIAL, 1995). Tendo em vista que o sintoma da criança, é aquilo que

revela o não-dito da estrutura familiar, implica dizer, que uma criança em análise, conseqüentemente, acaba por engendrar mudanças na sua dinâmica familiar.

Entretanto, a entrada em análise na clínica com crianças não se dá de forma aleatória, Sarmiento (2002) identifica algumas condições intransponíveis, a saber: a presença de sofrimento por parte da criança; que ela ocupe a posição de objeto que divide os pais; que o sintoma da criança se diferencie do sintoma dos pais, e que a criança tenha um desejo de saber.

Considerando-se que a criança vem sempre responder a um desejo anterior à sua existência, vez que a linguagem pré-existe ao sujeito, é preciso identificar se está havendo sofrimento por parte da criança, enquanto condição para que ela faça análise, ou seja, se ela está reagindo de forma traumática à tentativa de responder a esse lugar que os pais lhe imprimem.

Ainda, além do sofrimento da criança, é preciso que o “seu sintoma manifeste o insuportável para os pais”, sabendo-se do seu valor de verdade da divisão subjetiva do casal parental, ou do pai, ou da mãe (SARMENTO, 2002, p. 38).

Nesse ínterim, a criança que entra em análise é aquela que está no lugar de objeto causa de desejo para os pais, isto é, que aponta para o que há de vulnerável na fantasia do casal, fazendo emergir a falta. E, concomitantemente, a demanda dos pais não é a demanda do desejo alienado, que é endereçada ao analista, a qual a criança ou o adulto terão de formular em análise, mas trata-se de uma outra demanda. Eis porque há que se escutar de que ordem ela é, em se tratando de uma demanda para a análise de um outro sujeito, no caso, do filho (FERNÁNDEZ, 1992).

Sendo assim, o sintoma dos pais nunca corresponde ao sintoma que a criança institui sob o efeito da transferência, cabendo ao analista o desafio de sustentar o seu desejo de analista e não tomar os enunciados dos pais como uma verdade, tal que se

faça um caminho reverso à proposta analítica de separação subjetiva transformando a demanda deles numa demanda da própria criança.

À criança, por outro lado, sob o efeito da transferência, é dada a possibilidade de retificar a sua posição, já que, assim como o adulto, inicialmente, ela demonstra nada querer saber. Somente com o amor de transferência poderá passar do “horror ao saber para o amor ao saber” (SARMENTO, 2002, p. 38). A transferência tem assim, como estrutura, o amor, que articula o desejo com a demanda. Se a posição da criança já é a de objeto a ser amado, relacionado ao lugar que ela ocupa no fantasma da mãe, em análise, “a substituição se daria, pois, no sentido de que pudesse, desta posição passiva de objeto no fantasma da mãe, passar a ser, ela mesma, mais livre para cuidar do seu próprio desejo” (FERNÁNDEZ, 1992, p. 25). A dialética que a transferência convoca, é a do desejo, mas também a do amor que se articula na demanda, posta como sendo da ordem da linguagem, uma vez que a demanda do sujeito está vinculada à demanda do Outro da linguagem, essa alteridade. Por sua vez, o desejo é o ponto de ancoragem, pelo qual o sujeito se situa frente ao que o Outro lhe demanda. A demanda é condicionante para que haja desejo, pois o sujeito, ao nascer, está assujeitado à demanda do Outro e é pela via do desejo que pode sair dessa posição, sendo a não resposta do Outro à sua demanda a única forma, pela qual seu desejo emergir (FERNÁNDEZ, 1992).

Desse modo, na dialética entre demanda do Outro e desejo, o amor de transferência faz expiação, pois o papel do analista é determinante ao orientar a sua ação segundo a ética do desejo, desejo do analista que impera ao se fazer faltoso, em garantir o silêncio diante da demanda do sujeito. Assim, o objetivo da psicanálise com crianças é, portanto, cortar qualquer identificação da criança com os pais, não sem apostar na transferência com os mesmos como uma via de acesso possível à transferência da

própria criança, suporte que propiciará um lugar que ela mesma possa escolher a partir da produção de um saber sobre o seu próprio desejo.

BIBLIOGRAFIA

FERNÁNDEZ, M. R. A estrutura da transferência na psicanálise com crianças In: **Letra freudiana**, ano 10, nº 9, p. 17-30, 1992.

_____. As entrevistas preliminares na psicanálise com uma criança In: **Letra freudiana**, ano 10, nº 9, p. 31-36, 1992.

MACIEL, M. R. A análise da criança e a família In: BARROS, M. R. C. R.; ELIA, C. D. S. (Orgs.). **FORT- DA**. Rio de Janeiro: Livraria e editora revinter, 1995.

SARMENTO, M. F. A entrada em análise na clínica com crianças In: **Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo, nº 34, Eolia, p. 38-41, outubro de 2002.

SOBRE O AUTOR

Pauleska Asevedo Nóbrega. Psicóloga Clínica atuante na área da Psicanálise. Pós-graduanda em Saúde Mental pelas Faculdades Integradas de Patos. Psicóloga Clínica da Clínica Escola da Faculdade de Ciências Médicas do Cesed. Membro do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças e Adolescentes “UNI-DUNI-TÊ” pela Rede CEREDA – Escola Brasileira de Psicanálise – Delegação Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa “Psicologia da Saúde” pela Universidade Estadual da Paraíba.